

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DEPORTOS

ELIAS CORREIA MAIA MONJARDIM

**VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: A PRODUÇÃO ACADÊMICA
DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DE 2014 A 2019**

VITÓRIA

2021

ELIAS CORREIA MAIA MONJARDIM

**VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: A PRODUÇÃO ACADÊMICA
DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DE 2014 A 2019**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, com requisito parcial para a obtenção de grau de licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dr^a Erineusa Maria da Silva

VITÓRIA

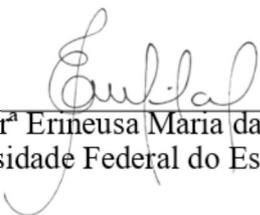
2021

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: A PRODUÇÃO ACADÊMICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DE 2014 A 2019

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final no curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação física e desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

Aprovado em 30 de Março de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Profª Drª Erineusa Maria da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES



Profª Drª Liana Abrao Romera
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES



Profº Drº Luiz Alexandre Oxley da Rocha
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Ao meu pai Valdir Monjardim, que infelizmente não está mais aqui, mas suas palavras e conselhos sempre estarão comigo. Obrigado, pai.

As minhas mães Hélia e Terezinha, que cuidaram e me sustentaram até aqui, mostrando o caminho certo e como seguir em frente sempre com fé e garra.

Aos meus irmãos, Harley, Elaine, Karla, Lucas que sempre estão ao meu lado, me dando palavras de conforto quando preciso. Em especial minha irmã Lelia que me criou, educou, me ensinou amar incondicionalmente, independente do sexo, raça, cor, gênero e religião, sempre me mostrou que o ser humano é lindo nas suas imperfeições e sempre me incentivou nos momentos mais difíceis, em cada crise, cada reação negativa e compreendeu que eu sou muito mais do que os outros esperam de mim.

A Mariah Monjardim e Jorge Valadares que sem nenhuma obrigação tomaram para si o papel de padrinhos, com conselhos, conversas, planos, cuidados. Acredito que Deus costuma agir através das pessoas, e vocês com certeza na minha vida são insubstituíveis.

Aos meus primos, que considero não como primos mas sim como irmãos, Rafael e Ana Clara, eles foram chegando devagar na minha vida, foram abrindo espaço, trazendo mais conforto e segurança em momentos onde eu não achei que não aguentaria sozinho.

Aos meus familiares, Simão Pedro Monjardim, Lucinéia Mischiatti, Arthur Monjardim e Felipe Monjardim, obrigado por todo carinho, jogos, conversas e risadas e momentos maravilhosos durante este processo de lutas e obstáculos.

Aos amigos mais íntimos, Tharik Arnous, Matheus Penitente, Nathalia Luchi, Gabriel Brahim, Maryana Simões, Deborah Bins, Karine Pereira, Iago Jorge, Vitor Brandão que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho. A Julia D'arc, uma pessoa que entrou bem no finalzinho do processo na minha vida, mas sem ela acredito que não teria sido concluído, me deu forças, ânimo e alegria onde mais ninguém pôde me dar.

À minha turma de faculdade por todos esses anos de convívio, apoio, incentivo e a todas as palavras de carinho.

A minha orientadora, professora e mãe postiça Erineusa, onde nunca em nenhum momento desisti de mim, sempre com palavras certas, com puxões de orelhas quando necessários, com abraços, mostrando que eu posso mais, eu consigo, eu sou capaz. E a ufes me proporcionou conhecer essa grande mestra, obrigado. E a todos os professores pela competência e ensino durante esse período da graduação, entre eles dedico um carinho em especial aos professores Liana Romera, Alexandre Oxley, Lucas Guimarães.

Finalmente, muito obrigado aos membros da banca, Liana Romera e Alexandre Oxley.

Obrigado!

“O conhecimento é poder e se você tem conhecimento, no fim, o limite é você quem decide”.

Valdir Monjardim

RESUMO

Esta revisão de literatura tem como objetivo levantar e analisar as publicações sobre violência na escola, em 4 revistas brasileiras da Educação Física, entre os anos de 2014 a 2019. Os artigos foram pesquisados pelas palavras-chave: violência escolar, violência, Educação Física, nas revistas: Motriz, Movimento, Pensar a Prática, Motrivivência. Foram encontrados 18 artigos, com ênfase nos estudos relacionados à violência na escola. Os resultados apontam que a violência praticada no âmbito escolar, se articula e integra a violência presente na sociedade e tem gerado grandes entraves para a formação dos/as estudantes e também para o trabalho docente. As pesquisas mostram que os trabalhos publicados em torno da temática abordada têm crescido e a literatura também aponta caminhos para construir um espaço social mais respeitoso e propício para aprendizagem. A maior parte dos trabalhos analisados no campo escolar tratam da discussão da violência pelo viés da temática lutas.

Palavras-chave: Educação Física, Violência na escola, Violência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA: OS CONCEITOS, AS DIFERENÇAS, RELAÇÕES COM A INDISCIPLINA E APROXIMAÇÕES À ESCOLA	11
2.1 RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	15
2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SEUS DESDOBRAMENTOS	20
3 O QUE VEM SENDO PRODUZIDO NO CAMPO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR?	25
4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ENTRE TEXTOS E CONTEXTOS	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A violência tem sido um problema social de grande relevância, fomentando debate em diferentes áreas da sociedade. O atlas da violência de 2019,¹ por exemplo, fala que os homicídios foram a principal causa de mortes entre os jovens brasileiros em 2017. A superação dessa triste realidade perpassa, de forma visceral, pela escola tendo em vista ser ela parte da sociedade. Aliás, uma parte significativa da sociedade, já que a escola é a política pública com maior capilaridade na sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2009), mas também levando esta fala em consideração, contrapondo em uma balança a escola sim representa o espaço físico no qual as políticas públicas de educação acontecem, mas a ela sozinha é apenas um equipamento. Sabemos que o atendimento escolar, mesmo que tardiamente e de forma lenta, passou a ter uma maior importância na agenda do Estado do Espírito Santo, sendo que o ensino fundamental alcançou a taxa de atendimento de 98% nas últimas décadas do século XX.²

Diante do papel da escola como um importante aparato voltado à formação humana (BRANDÃO, 2001), questionamo-nos como a escola tem tratado pedagogicamente o fenômeno da violência, bem como suas implicações/relações com as práticas escolares. A existência de práticas violentas também na escola nos remete a refletir acerca das possíveis questões que levam os/as estudantes a terem atitudes agressivas no ambiente educacional.

De modo geral, o meio pode exercer influência sobre a formação do indivíduo, e a educação escolar não é a única capaz de “moldar” o/a estudante, já que o/a mesmo/a está exposto/a diariamente a diferentes estímulos sociais nos contextos os quais está inserido/a. A esse respeito, Florestan Fernandes (1966, p. 71) lembra que “[...] não há dúvida de que a educação modela o homem [e a mulher]. Mas é esse que determina, socialmente, a extensão das funções construtivas da educação em sua vida”. Essa determinação certamente está sempre em relação ao seu contexto de existência. Cabe à escola ressignificar/problematizar esse contexto.

¹ Para maiores informações ver em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>.

² Nesse processo, destaca-se, por exemplo, as décadas de 1960 e 1970, quando houve uma crescente massificação do sistema educativo e do corpo docente, bem como uma tendência maior de secularização do ofício de ensinar (FERREIRA; VENTORIM; CÔCO, 2012).

Há, por exemplo, muitas dificuldades por parte de alguns/algumas estudantes, de aceitarem as diferenças e de respeitarem o seu semelhante e todas as suas diversidades. Comumente isso ocorre, pois o que é fruto de construção social é tomado como algo da natureza e essência humana. Segundo José Paulo Netto (2012), a naturalização decorre de conceber os mecanismos de estratificação e hierarquização sociais como necessariamente determinados pela natureza. O autor diz que isso é um comportamento que não pode ser considerado natural. Ao contrário, esse é um comportamento culturalmente aprendido. Se os/as comportamentos, atitudes e valores são culturalmente aprendidos, também podem ser desconstruídos e a escola pode ser o espaço privilegiado para essa desconstrução.

Nesse sentido, cabe à escola possibilitar as experiências sociais favoráveis para que o/a estudante possa construir uma nova forma de pensar, dentro dos limites éticos de convívio social e respeito com o outro. As disciplinas escolares têm um papel importante na construção do ambiente de aprendizagem, principalmente quando buscam atuar de forma unificada para construir o clima escolar.

Especificamente no âmbito da Educação Física existe a necessidade de “instrumentalizar” o/a professor/a para que o/a mesmo/a consiga enfrentar situações que envolvam o conflito ou a violência escolar. O sentido dessa “instrumentalização” decorre da necessidade de abordagem de métodos de trabalho que sejam contextualizados à escola e aos desafios presentes.

No que concerne à problemática abordada no trabalho, entende-se que a Educação Física carrega uma gama de oportunidades, valores e princípios que podem ser importantes para a construção de um ambiente saudável e propício à aprendizagem. Assim sendo, considerando a função social da escola como formadora de pessoas mais humanizadas, cabe à escola, e à unidade curricular Educação Física por consequência, o desafio de romper com essas práticas.

É justamente essa compreensão que nos move nesta pesquisa e nos instiga a questionar o que tem sido produzido a respeito do fenômeno violência na área da Educação Física. Nesse sentido, nosso objetivo nesse trabalho de conclusão de curso (TCC) é levantar e analisar as publicações sobre violência escolar, em quatro revistas brasileiras no campo da Educação Física, entre os anos de 2014 e 2019.

A ideia para o tema da pesquisa surgiu após acontecimentos vistos dentro das vivências feitas (estágios, trabalhos etc.). A importância deste trabalho ultrapassa dúvidas no campo acadêmico científico, atingindo o âmbito pessoal, pois vivi situações durante a minha vida escolar que somente mais tarde entendi que faziam parte do jogo de violências sociais. No entanto, é no campo científico acadêmico, por meio da pesquisa, que penso

que poderemos encontrar fundamentação para a superação destes processos de violência quando estivermos atuando como professor na Educação Física escolar.

Entendemos a pesquisa como um processo no qual o/a pesquisador/a tem "[...] uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente [...], pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta ‘uma carga histórica’ e reflete posições frente à realidade” (MINAYO, 1994, p.23).

Para cumprir os objetivos do estudo em tela, realizamos uma revisão de literatura das produções acadêmicas produzidas no Brasil, no período de 2014 a 2019, tendo em vista que as escolhas dos periódicos onde os trabalhos foram pesquisados se deu inicialmente por alguns fatores, tais como: relevância no meio acadêmico, quantidade de trabalhos publicados anualmente, qualidade e zelo com os trabalhos publicados. Observando os requisitos e as características da pesquisa de revisão de literatura, realizamos as seguintes etapas: a) levantamento do material bibliográfico realizado nas revistas acadêmicas da área (Motriz, Movimento, Motrivivência e Pensar a Prática); b) disposição dos achados em quadro descritivo para seleção e análise; c) levantamento das informações referentes às produções, sendo que neste passo foram selecionadas algumas obras e construído um roteiro para avaliar se o conteúdo permeia a temática em questão; d) análise dos textos selecionados na etapa anterior; e) finalmente, foi realizada uma análise compreensiva dos artigos e uma exposição ordenada dos dados recolhidos.

O trabalho transcorreu a partir do método conceitual-analítico das literaturas pesquisadas, visto que foram utilizados conceitos e ideias de outros autores, para a construção de uma análise científica sobre o nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, no primeiro tópico realizamos nossas primeiras aproximações ao tema da violência buscando conceituá-lo. No tópico seguinte, buscamos estabelecer relações entre violência e indisciplina no contexto escolar e nas aulas de Educação Física.

A seguir, buscamos investigar nosso objeto de estudo, qual seja, o que vem sendo produzido no campo acadêmico da Educação Física sobre a violência escolar. Finalmente, no último tópico foi realizado algumas inferências a respeito dos artigos estudados e algumas possibilidades de enfrentamento à questão da violência.

2 REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA: OS CONCEITOS, AS DIFERENÇAS, RELAÇÕES COM A INDISCIPLINA E APROXIMAÇÕES À ESCOLA

O Brasil é um país onde existe amplo contraste social, bagagens culturais diversas, territórios únicos e ricos em ambientes históricos. Sendo assim, as repercussões sobre violência não seriam diferentes: adentram os diferentes espaços sociais, gerando consequências negativas principalmente para os grupos sociais tidos como os mais desfavorecidos social e economicamente. Mediante essas ponderações, o tema da violência merece reflexões amplas, como forma de estimular debates qualificados sobre este tema central para a sociedade. Mas o que é a violência? Como classificá-la? Esses questionamentos são importantes para que se possa buscar maiores compreensões acerca deste fenômeno.

Paviani (2016) ao abordar sobre os conceitos e as formas de violência, compreende que discutir sobre esse assunto é partir do pressuposto de que é um tema de bastante complexidade, pois implica considerar diferentes elementos e posições teóricas que são variadas. Também é complexo pensar sobre a superação desse fenômeno, pois esta pode ocorrer de diferentes formas e apresentar resultados variáveis e diversos.

Em relação ao enfrentamento à violência, é necessário, portanto, uma reflexão profunda sobre o problema, buscando compreender as suas faces nos diversos campos de estudos (psicológico, histórico, social etc.), sendo essa uma condição relevante para que as intervenções sejam eficazes. Esse processo é necessário, principalmente pelo fato de que a violência se apresenta como um problema com raízes profundas, sendo uma delas a extrema desigualdade social que é histórica em nosso país.

Acerca dessa problemática, Blaya Almeida (2010) traz contribuições da psicanálise para discutir a violência. De acordo com a autora, este campo é importante para compreender os seres humanos, que parecem ser, em grande parte, dominados por instintos dos quais não é possível ter o pleno controle e nem plena consciência. A autora compreende que são forças que operam essencialmente em silêncio, e só é possível identificá-las por meio dos efeitos externos que são causados decorrentes das ações

operadas por nós seres humanos. Complementa ainda que essas forças só são cessadas após o alcance do alvo. No entanto, esse entendimento apresentado pela autora não quer dizer que as violências decorrentes das ações humanas sejam fixadas, no sentido de serem naturais. Ao contrário, é importante considerar que o ser humano tem a possibilidade de mudar o destino original de suas energias instintivas, diferentemente dos outros animais.

Ao observar essas diferenças essenciais, Cavalcanti et al. (2013), consideraram que os instintos dos animais são marcados pelo automatismo, diferente da plasticidade dos humanos, que é a capacidade de se adaptar ou modificar, conforme estímulos que são dados e oferecidos pelo meio.

Entende-se nesse sentido que os seres humanos em geral são influenciados pelo meio e pelos estímulos que recebem ao longo de sua formação enquanto indivíduos. De acordo com Blaya Almeida (2010, p.17), “[...] o ambiente exerce essa influência decisiva sobre o indivíduo durante toda a sua vida”. Dessa forma, ambientes onde existe maior qualidade de vida, onde existe estrutura para que os indivíduos possam se desenvolver de forma sadia, influenciam de maneira significativa sobre a sociedade. Exemplo disso é possível ser observado em países de primeira economia, nos quais as oportunidades e as condições de vida apresentam índices satisfatórios e o nível de violência tende a ser menor.

Ao contrário, ao observar a realidade brasileira, um país que apresenta muitos problemas e dificuldades para atender as demandas básicas da população, o nível de violência é bastante elevado, e cria-se ao mesmo tempo um ambiente onde os estímulos são pouco favoráveis para o desenvolvimento social e também econômico.

Importante considerar que esse tipo de contexto em que existem dificuldades para que uma sociedade possa se desenvolver, não são acasos, mas construções, seja por ação ou omissão. Blaya Almeida (2010) considera que a ineficiência das instituições públicas, a corrupção, privilégios para minorias, impunidade de poderosos, impostos abusivos e o mau uso do dinheiro público, são fatores que geram revolta e intensificam a agressividade da população.

Há, portanto, um ambiente de injustiças sociais que trazem reflexos graves para a sociedade. É neste contexto que diferentes tipos de violência emergem, e não por acaso, diferentes áreas do conhecimento se debruçam para estudar este fenômeno, conferindo

diferentes visões em relação ao problema. É possível encontrar explicações não somente através da psicanálise, que busca compreender o ser humano, mas também da sociologia, história, antropologia, biologia, filosofia, entre tantas outras áreas do saber.

Ao analisar especificamente a ótica de cada um desses campos do saber, talvez não seja possível compreender o problema em sua totalidade. Mas, ao buscar contribuições das diferentes áreas de estudos, é possível ter uma visão mais abrangente sobre o problema da violência e suas faces. Novamente retomando Paviani, Modena (2016), o conceito de violência é amplo, e por isso dificilmente as classificações existentes conseguem abranger todas as suas formas.

Entretanto, a autora em sua releitura, considera que a tipologia de violência pode ser útil para visualizar suas diferentes modalidades. Destaca algumas formas de violência, entre elas a provocada e a gratuita; a real e a simbólica; a sistemática e a não sistemática; a objetiva e a subjetiva; a permanente e a transitória. Essas são formas de olhar para o problema da violência de maneira didática, o que possibilita melhor observação do fenômeno. Sobre as suas formas, Paviani (2016, p. 11) destaca que:

[...] a guerra, a revolução, o terrorismo, o genocídio, o assassinato, o crime organizado, a violência urbana, a violência contra a criança, contra o adolescente, contra a mulher; o estupro, o assédio sexual, o *bullying*, o vandalismo. Também podemos acrescentar a corrupção como forma de violência e seus derivados como nepotismo, propina, extorsão, tráfico de influência e outras modalidades.

Observa-se que são diferentes formas de violência, que podem ser gerais, já que afeta uma população como um todo, de forma direta ou indireta, ou contra grupos específicos. Entre uma das formas apresentadas pelo autor estão as violências contra a criança e adolescente, que são públicos mais vulneráveis. Ao fazer parte deste tipo de contexto e sofrer diretamente as consequências de ações violentas, as crianças e adolescentes podem sofrer sequelas graves que vão trazer repercussões negativas para o curso de suas vidas, principalmente no que tange ao processo de formação.

A violência contra esses públicos ou que envolvem esses públicos, é uma realidade global, que parece ter repercussões mais graves em meios onde as injustiças sociais são mais elevadas. Carvalho (2010) traz algumas informações que são importantes e dão a dimensão da complexidade e alcance desse tipo de violência. Segundo o autor,

[...] O século XXI começa com uma taxa de 199 mil assassinatos de crianças e jovens. O planeta, em 2000, chegou a média de 565 jovens ou crianças assassinadas a cada dia ou 53 por hora. Dessa cifra, cerca de 57 mil eram crianças, principalmente meninos e meninas entre 0 e 4 anos; os casos ocorridos em situações de conflito armado não foram contabilizados (p.30).

Isso reflete de certo modo os contextos violentos onde as crianças e adolescentes estão inseridos, o que é uma preocupação enorme, tendo em vista que o ambiente é fator importante para a formação de crianças e jovens, além de ser um importante indicativo que traz, de certo modo, perspectivas de futuro para determinada sociedade. É possível compreender, mediante essas considerações, que ambientes violentos geram violência e dificultam processos civilizatórios.

Quando problemas dessa natureza incidem sobre crianças e jovens, é ainda mais preocupante, já que estas podem, em algum momento, reproduzir práticas violentas em diversas circunstâncias. Além dos dados preocupantes trazidos por Carvalho (2010, p.30), a autora também aponta que milhões de crianças são agredidas e torturadas em suas casas, escolas e instituições estatais, sendo a violência doméstica, aquela que é mais predominante.

Esse tipo de violência, principalmente sobre crianças, pode trazer sequelas graves, não somente em nível físico, mas também impactando de forma negativa sobre aspectos psicológicos e emocionais, podendo prejudicar até mesmo as relações sociais nas quais as crianças se inserem ou tentam se inserir. Esse tipo de violência dentro de casa, também recebe denominações e conceituações.

De acordo com Brito (1999, p.102), a violência familiar é “ [...] toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e, o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família” e que “ [...] pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental”.

Como ponderado, esse tipo de violência, além de outros presentes no ambiente social onde crianças e adolescentes estão inseridos, pode provocar traumas significativos sobre os mesmos, que por sua vez poderão apresentar comportamentos inadequados, principalmente de natureza violenta, que podem repercutir em diferentes ambientes.

Muito tem se discutido, por exemplo, acerca da indisciplina observada em muitas crianças e adolescentes, que por vezes culmina em uma crescente onda de agressividade e violência, principalmente em lares e escolas. Neste contexto, também é importante

ponderar que esta questão da indisciplina pode estar associada a diferentes fatores, não somente aos aspectos mencionados sobre a violência intrafamiliar.

É de fundamental importância considerar a abrangência do tema da violência, que conforme abordado, apresenta diferentes faces e níveis que variam de acordo com os contextos social e econômico. Além disso, é relevante retomar a ideia de que o meio influencia a formação dos indivíduos. Acerca dessas considerações entende-se que ambientes nos quais predominam injustiça social, que por si só já fazem parte dos jogos de violências sociais, podendo também ocorrer com maior frequência e incidência violência e indisciplina.

Esses entendimentos, ao serem relacionados ao contexto escolar, ganham novos elementos que tornam a discussão ainda mais complexa. O ambiente escolar apresenta uma natureza muito heterogênea quanto às diferenças existentes nestes espaços. Em tese, o ambiente escolar precisa ser um espaço de construção de cidadania e respeito, mas na prática alguns desafios obstaculizam esse processo. A ideia de universalização e democratização da escola está diante de um grande desafio de lidar com as diferenças, com o estranho, incluindo tudo que é singular e tudo aquilo que escapa às regularidades, gerando reflexões sobre a sociedade na qual todos estão inseridos, marcado por cultura e reproduções de práticas que precisam ser superadas.

No ambiente de grande injustiça social como o Brasil, com predominância preocupante de violência, é importante considerar que os efeitos negativos dessa realidade incidem principalmente sobre os grupos sociais mais vulneráveis, como as crianças e adolescentes, principalmente meninas negras ou LGBTQI+.

Estas crescem e se desenvolvem em um meio no qual aprendem e reproduzem práticas, que podem ser positivas ou negativas. Nesse sentido, entende-se que, em parte, as reproduções negativas de violência em ambientes sociais, podem ser fruto de experiências negativas vivenciadas pelos indivíduos, principalmente crianças e jovens. Nas escolas, ambiente onde se lida com muitas diferenças, alguns comportamentos ficam mais evidentes.

A violência na escola é uma das temáticas que se inserem neste contexto e que merecem atenção, que por vezes é ramificada para a discussão sobre indisciplina, bastante fomentadas para compreender alguns problemas que tangenciam o espaço escolar.

2.1 RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Salientado ao longo da discussão, foi possível observar, mediante diferentes conceituações, que a violência se apresenta de forma bastante complexa. Ao trazer este tema para o ambiente educacional, as discussões tomam rumos diferentes, mas sem perder o norte dos conceitos que permeiam o fenômeno da violência. Entra nessa discussão o termo indisciplina, tido como um problema importante dentro do ambiente escolar.

Mas até que ponto é possível diferenciar e/ou relacionar a violência com a indisciplina? Essa é uma discussão fomentada por alguns autores, e que será abordada ao longo deste tópico. No entanto, antes disso, é importante retomar brevemente o entendimento acerca do conceito de violência, além de trazer visões sobre a indisciplina, que parecem ser fenômenos que resultam de fatores sociais e culturais.

Paviani (2016) observa o problema da violência como um fenômeno dinâmico, que varia de acordo com o tempo e, principalmente, de acordo com diferentes visões, que observam o problema por diferentes ângulos. Segundo o autor:

[...] O conceito de violência é ambíguo, complexo, implica vários elementos e posições teóricas e variadas maneiras de solução ou eliminação. As formas de violência são tão numerosas, que é difícil elencá-las de modo satisfatório. Diversos profissionais, especialmente na mídia, manifestam-se sobre ela, oferecem alternativas de solução; todavia, a violência surge na sociedade sempre de modo novo e ninguém consegue evitá-la por completo. Nesse panorama, cabe à filosofia, de modo especial à ética, refletir sobre suas origens, a natureza e as consequências morais e materiais (PAVIANI, 2016, p.8).

Nesse sentido, ao considerar o problema da violência escolar, é importante que a mesma seja estudada tanto nas suas relações com a escola como também nas suas causas e relações externas.

A violência, como uma questão que, de certo modo, tem raízes e/ou origens culturais e sociais, geradas por meio de ações ou omissões, é também um fenômeno que recai sobre os diferentes âmbitos sociais, adentrando também aos espaços institucionais, como é o caso da escola. Ou seja, a escola está inserida em um determinado contexto, e assim sendo, vai abarcar também alguns desafios que são externos a ela que interferem direta ou indiretamente seus cotidianos. A exemplo retoma-se ao problema da violência intrafamiliar abordado por Carvalho (2010), que incide de diversas formas sobre as crianças e os adolescentes. Há a violência física, que ocorre “ [...] quando alguém causa

ou tenta causar danos por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas, externas ou ambas” (p.31).

Existe também a violência psicológica, que “ [...] inclui toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa”. Também existe a violência causada pela negligência, que é a “ [...] omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação ao outro, sobretudo àqueles que precisam de ajuda por questões de idade” (CARVALHO, 2010, p.31).

Neste tipo de violência, além de ser observada a questão da idade, há também a condição física do sujeito, permanente ou temporária, que o coloca em uma situação de dependência de cuidados. Por fim Carvalho (2010, p.32) aborda sobre a violência sexual, que é “ [...] toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga outra à realização de práticas sexuais, utilizando força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas”.

Esses danos mencionados, que são praticados pelos responsáveis aos dependentes, impactam de forma bastante negativa sobre a qualidade de vida dos mesmos, gerando traumas diversos que prejudicam suas formações, relações e desenvolvimento como um todo. Essa é apenas uma entre outras modalidades de violência existentes nas diferentes sociedades, principalmente naquelas que são consideradas mais vulneráveis social e economicamente.

Mas independente das suas ramificações mencionadas, a violência tem um elemento que deve ser considerado, que vai lhe conferir maior totalidade, facilitando assim a compreensão de suas origens. Para Carvalho (2010, p. 32), “ [...] as raízes desse fenômeno associam-se ao contexto histórico, social, cultural e político em que se insere a sociedade.

No caso específico das crianças e dos adolescentes, indivíduos vulneráveis, o contexto ao entorno pode ser significativo para a qualidade de percurso de vida que vão ter. Entende-se que um ambiente de injustiças sociais pode atrapalhar o processo de formação e desenvolvimento dos indivíduos, principalmente quando estes passam a não ser mais uma questão externa aos espaços de formação, mas começa a adentrar também aos ambientes educacionais.

Importante salientar que isso não significa que a escola e os espaços educacionais em geral devam estar apartados dos problemas sociais, ao contrário disso, é fundamental que essas demandas sejam observadas, e mais do que isso, que os profissionais da educação e as escolas em geral tenham suporte para enfrentar esses desafios que são imensos. A violência no contexto escolar representa múltiplos significados, e comumente é utilizado pelos docentes para classificar comportamentos violentos ou indisciplinados.

Essa percepção de alguns professores/as pode ser considerada correta? Há essa

relação entre violência e indisciplina? Estudos como “A cultura de paz na percepção dos professores de Educação Física de uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul” de Reichenbach *et al.* (2016) e de Albino *et al* (2008), intitulado "Acerca da violência por meio do futebol no ensino de Educação Física: Retratos de uma prática e seus dilemas”, têm sido desenvolvidos nesse sentido. Em geral, analisam a crescente indisciplina observada nas crianças ao longo dos últimos anos. As considerações acerca desse fenômeno partem de concepções ou contribuições da psicologia e também de uma abordagem sociológica e educacional acerca do fenômeno (SZADKOSKI, 2010).

Assim como a violência, o fenômeno da indisciplina também passa por muitas alterações, haja vista que está sujeito ao contexto histórico, social e cultural. No ambiente escolar, as manifestações desses fenômenos se apresentam de formas diferentes, e especificamente sobre o que se entende por indisciplina, precisa de maiores aprofundamentos. Assis e Marriel (2010), entendem que a violência dos estudantes se manifesta por meio de situações como: vandalismo; pichações na parede; xingamentos e agressões físicas a professores; indisciplinas no recreio e roubos no ambiente escolar.

Conforme essa descrição, a indisciplina parece ser uma forma de violência, mas pode ser manifestada de formas diferentes e com níveis de gravidade. A indisciplina pode ser considerada, de maneira objetiva, como alguma ação e/ou ato que vai contra normas e regras estabelecidas, sejam elas institucionais e/ou sociais.

Rego (1996) afirma que em ambiente escolar é comum o conceito de indisciplina ser relacionado com o ato de rebeldia contra a autoridade, bem como à incapacidade de se ajustar às normas estabelecidas. Entretanto, a necessidade de avaliar a “indisciplina” como sendo um ato de resistência, ousadia e inconformismo, sinalizando ao mesmo tempo a dificuldade de compreender a fluidez dos limiares entre violência e indisciplina.

Há, portanto, a necessidade de cuidados em relação ao trato para com ambos os temas, tanto da violência como da indisciplina, bem como nas suas possíveis relações. O cuidado em relação à análise é fundamental para que se possa estabelecer diagnósticos

corretos sobre as situações que ocorrem nos diferentes ambientes sociais, para que possa adequar as devidas intervenções no sentido de provocar mudanças positivas.

As similaridades entre violência e indisciplina se expressam em alguns fatores comuns que influenciam em práticas que, de certo modo, podem incidir sobre as instituições e/ou pessoas. Destacam-se a realidade socioeconômica, a exclusão social e racial, questões de gênero, a presença de gangues na comunidade, o narcotráfico, a ausência de modelos éticos entre os jovens, a desagregação familiar, a banalização da violência propagada pela mídia, entre outras condições (ABRAMOVAY;RUA, 2002).

É possível citar ainda outras variáveis externas que são relacionadas à indisciplina no meio educacional, entre elas a violência existente na sociedade, a falta de limites na família, a violência e a desagregação familiar, essa que é uma importante questão que vai ao encontro das discussões sobre violência intrafamiliar, que pode repercutir negativamente sobre o desenvolvimento das crianças e jovens (REGO, 1996; CARVALHO, 2010). Os efeitos traumatizantes causados por essas práticas sobre esses públicos, parecem ter consequências bastante negativas sobre a personalidade e o comportamento em outros ambientes sociais.

Existem ainda variáveis internas, como a falta de autoridade do/a professor/a, aulas sem sentido, imobilidade excessiva, horários rígidos e falta de compreensão dos conteúdos para a vida futura (REGO, 1996). Portanto, a violência parece abranger a questão da indisciplina em algumas de suas naturezas. Entretanto, a indisciplina parece nem sempre estar relacionada com a violência, e por isso precisa ser observada com bastante cuidado para que não ocorram equívocos em relação às análises.

Garcia (2001, p. 376 apud Guimarães, 2013, p. 4), associa a indisciplina a um fenômeno de aprendizagem, superando assim a sua conotação de anomalia, ou de problema comportamental a ser neutralizado por meio de mecanismos de controle. Entretanto, apesar de ser considerada um fenômeno de aprendizagem, entende-se que a manutenção de bom ambiente é relevante para o processo de ensino e aprendizagem.

A indisciplina de fato está associada à questão da aprendizagem, e por essa razão incide, de forma bastante negativa, no processo escolar, na formação do/a estudante e na atuação do/a professor/a. Como relata Barone (2019), as salas de aula do Brasil estão entre as mais indisciplinadas do mundo. Mediante esse quadro, os/as professores/as passam a maior parte do tempo de suas aulas tentando manter a sala em bom clima de aprendizagem.

Esse cenário em questão tem uma relação direta com o desempenho desses estudantes. Com um ambiente educacional em condições inadequadas para o desenvolvimento das aulas, um dos resultados é o fraco desempenho do Brasil no que diz respeito ao sucesso escolar e, por isso, encontra-se nos mais baixos patamares em *rankings* internacionais de educação.

Apesar de algumas críticas em relação ao Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa)³, enquanto instrumento vertical de avaliação, não se pode negar o que os dados apontam: o país vem tendo resultado ruim no desempenho educacional. Em relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi apontado que 40% dos estudantes reconhecem que em todas ou na maioria das aulas o/a professor/a precisa esperar muito tempo para ensinar (BARONE, 2019).

Há, portanto, uma relação importante no que diz respeito à aprendizagem. Apesar de a violência também ser uma questão que tem impacto negativo sobre o desempenho da escola, professores/as e alunos/as, este conceito possui outra natureza conceitual. De acordo com Lobato (2013 *apud* Guimarães, 1996, p.73), a violência “ [...] seria caracterizada por qualquer ato que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”.

Nesse sentido, ao comparar ambos os conceitos discutidos, entende-se que muitos comportamentos apresentados por eles durante as aulas, que envolvam agressões físicas e verbais, vandalismo, entre outros, não seriam indisciplina escolar, mas violência. Portanto, em geral, é mais adequado que sejam abordados de formas distintas dentro do espaço educacional, tendo em vista a natureza desses fenômenos serem diferentes.

Diante dessas abordagens e diferenças identificadas, e compreendendo a violência como um problema mais abrangente e de maior gravidade, é importante discutir como ela se desdobra no ambiente educacional, bem como seus impactos no processo de ensino e aprendizagem, de forma a refletir sobre possíveis caminhos para superar esse fenômeno que causa grandes prejuízos.

2.2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA E SEUS DESDOBRAMENTOS

³ Programme for International Student Assessment – PISA.

A violência no ambiente educacional é protagonizada, portanto, por diferentes agentes. Mas parece que o principal desafio é referente à violência protagonizada pelo aluno/a contra a escola, que são as de maior impacto cotidiano, gerando um ambiente desconfortável em função de algumas consequências que são geradas por essa condição. Especificamente sobre a violência escolar, Ristum (2010, p. 79) considera que:

[...] se expressa em várias modalidades: violência entre alunos, violência de aluno contra professor, da escola e do professor contra o aluno, entre os profissionais da educação, do sistema de ensino contra a escola e o professor, do funcionário contra o aluno, do aluno contra o patrimônio da escola (depredação) e outras.

Alguns fatores relevantes são decorrentes para as ações negativas, entre eles: prédios abandonados, grades, pichações, professores/as desmotivados, entre outros. Ponderando ainda sobre furtos, roubos, agressões, ameaças, brigas, e outras ações que modificam completamente o ambiente educacional. As formas e desdobramentos dessa violência apresentam variações importantes e que devem ser compreendidas.

Ristum (2010) aborda sobre a violência entre alunos, que parece ser a mais apontada pelos/as professores/as, tanto em escolas públicas como também em escolas privadas, superando outras categorias de violência escolar. Destaca-se ainda a violência de alunos/as contra professores/as e funcionários/as, que é uma outra preocupação bastante evidente. A autora também aborda sobre a violência contra a escola, mais conhecida como vandalismo e depredação escolar, praticada tanto por alunos/as quanto por pessoas ou grupos externos à escola.

Szadkoski (2010) afirma que o *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. As características observadas são os atos repetidos entre iguais e o desequilíbrio de poder. Neste mesmo sentido, Eduardo Cremer (2015, p.5), observa que isso ocorre pelo fato de que muitas vezes a própria instituição reforça determinadas práticas, por meio de profissionais que atuam na escola, e isso dificulta a construção de um ambiente de diálogo e superação de desafios. A depredação ao patrimônio, palavras pejorativas proferidas, atos de violência física e *bullying*, estão entre as mais ocorrentes na escola.

Já Abramovay (2012) relata que a agressividade imputada ao/a estudante advém do vínculo que os jovens têm no bairro, na rua, que faz com que eles ajam dessa forma

dentro da própria escola. Conforme esse ponto de vista, a relação entre escola e rua torna-se perniciososa. Interessante notar como tais posicionamentos apontam o não reconhecimento do necessário respeito à escola, por parte dos estudantes, devido à manutenção de uma lógica externa oposta, àquela vivenciada na rua.

De maneira que, o enfrentamento às violências é um desafio que deve envolver a escola, os/as professores/as, os/as estudantes e a comunidade como um todo, ou seja, também pais, mães e responsáveis pelos/as estudantes. Esse desafio implica principalmente o núcleo familiar visto que algumas questões decorrentes deste âmbito parecem influenciar os comportamentos dos/as estudantes no meio escolar.

Beane (2010) associa o tempo em questão com uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. Os desdobramentos da violência provocada no âmbito da escola, são múltiplos, e incidem principalmente sobre os agentes que são vítimas da violência direta sofrida.

São muitas as sequelas que ficam, não somente em alunos/as, mas também em professores/as. Além de possíveis problemas físicos, podem ficar marcadas também as sequelas psicológicas e emocionais. Quando falamos da zona que envolve o psicológico, as consequências são ruins, pois marcam experiências no mais íntimo dos estudantes e dos/as professores/as. Os desdobramentos disso comprometem sua autoestima, aumentam as sensações de medo, angústia, ansiedade, insegurança, entre outros sentimentos.

Os atos de violência no ambiente educacional brasileiro parecem ser cada dia mais visíveis como se pode depreender dos dados da pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva e Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Esse estudo teve como objetivo monitorar a percepção da população, dos/as alunos/as e dos/as professores/as sobre a qualidade da educação e a segurança nas escolas públicas (DUNDER, 2019) e apresentou dados que reforçam a necessidade de intervenções estratégicas sobre o problema da violência nos ambientes escolares.

Segundo o levantamento, 77% da população brasileira ficou sabendo de algum caso de violência em escolas no último ano. Mais de 70% dos/as professores/as

entrevistados/as perceberam o aumento da violência nas escolas. Em relação à violência nas escolas onde trabalham, 90% dos/as professores/as souberam de casos de violência. Em relação aos estudantes, 81% deles também fizeram essa mesma avaliação.

Diante das consequências da violência para a vida de todas as pessoas envolvidas nesse contexto, é importante se pensar estratégias e formas de superar esses problemas que ao mesmo tempo são grandes desafios para as escolas, professores, familiares e sociedade em geral.

Mediante essa grave questão colocada, tem sido cada vez mais importante se pensar estratégias de intervenção que possam reduzir a violência nas escolas, visando elevar a qualidade da escolarização de crianças e jovens.

No estudo realizado por Teixeira e Kassouf (2015), foram apontadas diversas evidências em que mostram que a exposição à violência está diretamente relacionada à baixa performance escolar, sintomas de ansiedade e baixa autoestima. Desse modo, há um nítido impacto sobre o processo de escolarização dos/as estudantes, com a interrupção da formação escolar e a perda de classes em função dos obstáculos da violência que inibem a participação do/a aluno/a no cotidiano da escola.

O estudo desenvolvido por Oliveira e Ferreira (2013) também apresentou objetivo similar ao avaliar os efeitos da violência nas escolas sobre o desempenho acadêmico dos/as alunos/as do 9º ano do Ensino Fundamental no ano de 2011, onde utilizou-se microdados do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica - Saeb). Os resultados do estudo indicaram que a violência na escola reduz a probabilidade de os/as estudantes apresentarem desempenho adequado. O estudo ainda apontou que as características das escolas, dos/as professores/as, dos/as diretores/as também influenciam.

Corroborando, portanto, com outros estudos mencionados, que apresentam a relação do baixo desempenho escolar com os elevados índices de violência na escola. Dessa forma, entende-se que as estratégias devem envolver esforços coletivos, com a participação da sociedade, da escola e do poder público. Em relação às escolas, parece que é necessária maior união entre os/as profissionais da educação no sentido de buscar formas de amenizar o ambiente “hostil” que apresentam algumas escolas. É importante pensar o espaço escolar e seus desafios, sendo essa uma condição única para a elaboração de estratégias pedagógicas visando amenizar ou solucionar o problema da violência na escola. Uma das estratégias é a criação ou estímulo às relações interpessoais, criando vínculos entre professores/as e alunos/as, buscando ir além das relações hierarquizadas existentes ainda em muitas escolas.

Essa é uma consideração tida como necessária, cabendo aos/as professores/as das diferentes disciplinas escolares refletirem sobre o que podem fazer dentro do seu campo de atuação para tornar o ambiente mais construtivo, devendo também estabelecer conexões com outros profissionais de outras disciplinas para que o trabalho possa se dar de forma conjunta.

Apesar das especificidades apresentadas em cada uma das disciplinas, é possível que esse trabalho se dê em conjunto, não necessariamente com as mesmas estratégias, mas com ações pedagógicas que estejam inseridas nos contextos das aulas, considerando as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos professores. As práticas de violência, em todas as naturezas mencionadas ao longo deste trabalho, se manifestam também durante as aulas.

As aulas de Educação Física, por exemplo, podem ser importantes para superar alguns problemas existentes no ambiente escolar, principalmente a falta de respeito entre muitos alunos/as e também dos/as alunos/as em relação aos/as professores/as. No entanto, se as aulas não tiverem boa condução, ou seja, onde a democracia seja uma prática de fato, a mesma pode vir a reforçar práticas negativas de violência, seja ela de natureza física, verbal, emocional ou contra o patrimônio.

Existe a compreensão de que é necessário que as aulas sejam desenvolvidas de forma mais humanizada e democratizadas, buscando a inclusão de todos/as nas atividades, atentando-se para que não ocorram discrepâncias em relação ao desenvolvimento dos/as estudantes em relação à disciplina, observando também o aspecto comportamental dos/as alunos/as no decorrer das atividades.

Um dos problemas que parecem ser mais comuns nas aulas de Educação Física é o *bullying*, que também está incluída nos “jogos de violência”, ela possui como característica uma a necessidade de afirmação de poder interpessoal através de agressões físicas, emocionais, humilhações e etc. Está geralmente mas não exclusivamente na fase infanto-juvenil, geralmente onde adolescentes tendem a mostrar quem manda e quem obedece”. E é nas aulas de Educação Física onde comumente é possível observar níveis distintos de capacidades e/ou habilidades para o desenvolvimento das atividades. Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de mecanismos que proporcionem a prática de respeito em sala de aula, e também fora dela, possibilitando assim maior compreensão das diferenças entre os indivíduos, bem como, de suas relações com os seres que possuem suas próprias peculiaridades (FREIRE, 1996). No entanto, entende-se que esse é um processo que demanda preparo de todos/as aqueles/as que estão envolvidos/as com o processo de formação dos/as estudantes, incluindo os/as professores/as.

3 O QUE VEM SENDO PRODUZIDO NO CAMPO ACADÊMICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR?

Da análise das revistas pesquisadas levantamos os seguintes dados que seguem descritos no quadro 1, no período de 2014 a 2019. O quadro 1 contém as revistas acadêmicas da área de Educação Física e os respectivos artigos encontrados em cada uma delas a partir dos descritores “violência escolar, violência, Educação Física”, nos termos indexados. Para numerar os artigos foi usada a letra T em referência a Trabalho Acadêmico e um número que se refere a quantidade de artigos, para identificá-los nas análises.

Quadro 1- Pesquisa nas revistas acadêmicas da área de Educação Física com os descritores “violência escolar, violência, Educação Física”.

REVISTAS	TRABALHOS ACADÊMICOS
Pensar a Prática	T1 - Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em goiânia. Viviane Lopes Freitas Ueno, Marcel Farias de Sousa (2014).
	T2 - Situações de violência nas aulas de Educação Física e a prática pedagógica do professor. Tiago Lepre Mello, Douglas Aparecido de Campos. (2018).
	T3 - Acerca da violência por meio do futebol no ensino de Educação Física: retratos de uma prática e seus dilemas. Beatriz Staimbach Albino et al. (2008).
	T4 - “Não é briga, não... é só brincadeira de lutinha”: cotidiano e práticas corporais infantis. Mayrhone José Abrantes Farias et al. (2019).
	T5 Produções acadêmicas sobre violência, agressão e agressividade em periódicos brasileiros de Educação Física. Elaine Prodocimo et al. (2014).
	T6 - Prática pedagógica em Educação Física para a educação integral em tempo integral. Solange Izabel Balbino, Sônia da Cunha Urt (2018).
	T7 - O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. Diego Luz Moura et al. (2019).
Movimento	T8 - Consequências da violência armada carioca para as aulas de Educação Física. Leonardo Carmo Santos et al. (2020).
	T9 - Jogando com as violências no esporte de lazer: Notas etnográficas sobre o ‘Guri’ e o ‘Nego véio da várzea’. Mauro Myskiw et al. (2015)
	T10 - MMA e Educação Física escolar: A luta vai começar. Daniel Giordani Vasques, José Beltrão (2013).
	T11 - Pesquisas sobre a Educação Física no cotidiano da escola: O estado da arte. Daniel Teixeira Maldonado, et al. (2019).

Motriz	T12 - Violência contra professores de Educação Física no ensino público do estado do Paraná. Levandoski et al. (2011).
	T13 - Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. Palhares, Marcelo Fadori Soares et al. (2012).
Motrivivência	T14 - Cotidiano e práticas corporais infantis: o lúdico e a violência em cena. Mayrhone José Abrantes Farias, Ingrid Dittrich Wiggers. (2015).
	T15 - Ancoragem da representação social da Educação Física escolar nas abordagens teóricas da Educação Física. Fátima Ferreira Vasconcelos, Pedro Humberto Faria Campos. (2014).
	T16 - O ensino das lutas na Educação Física escolar: Uma experiência no ensino fundamental. Raphael Gregory Bazílio Lopes, Tiemi Okimura Kerr. (2015).
	T17 - A cultura de paz na percepção dos professores de Educação Física de uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande Do Sul. José Paulo Reichenbach, Denise Grosso da Fonseca. (2016).
	T18 - “Chega” da violência de destruição do estado, chega do “apagamento” dos direitos sociais e da cidadania! “Vamos a luta”! Maurício Roberto da Silva, et al. (2017).

Fonte: organizado pelo autor deste TCC.

A pesquisa sobre o tema violência escolar nas revistas acadêmicas da área “Pensar a Prática”, “Movimento”, “Motriz” e “Motrivivência”, mostrou-nos que no período estudado, de 2014 a 2019, foram publicados dezoito artigos, conforme quadro 1. Como nosso interesse era perceber a produção sobre a temática na área da Educação Física escolar, considerando esses artigos, fizemos uma organização dessas produções em quatro categorias: escolar, lazer, esporte e outra, conforme demonstramos na tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Organização dos artigos pesquisados nas revistas acadêmicas da área de Educação Física por categorias: lazer/ escolar/ esporte/ outros.

CATEGORIAS	Nº	%
ESCOLAR	11	61,12
LAZER / ESPORTE	2	11,11
OUTRAS	5	27,77
TOTAL	18	100

Fonte: organizado pelo autor deste TCC.

Na categoria “escolar” foram encontrados onze (61,12%) artigos que retratam o cotidiano da Educação Física escolar, envolvendo valores, atitudes, normas e como a

violência afeta estas questões atitudinais. Na categoria “lazer / esporte” 2 (11,11%) artigos foram encontrados e tratam da utilização dos esportes de lazer e sua relação com a violência e outro traz uma abordagem sobre comportamento violento nas torcidas. Na categoria “outras”, 5 (27, 78%) abordaram o tema de forma superficial, não sendo o foco em si. Um deles trata de uma pesquisa bibliográfica de materiais já produzidos sobre violência na Educação Física escolar no período dos últimos 21 anos até o ano de 2014, outro trata da Educação Física no ambiente de educação integral, cita a questão da violência, mas não é o foco do estudo e, para finalizar, o último artigo vai tratar de estudar o cotidiano da Educação Física na escola. Desses artigos fizemos análise apenas dos que se encontram distribuídos na categoria escolar: T1, T2, T3, T4, T7, T8, T10, T12, T14, T16, T17.

No T1, Ueno e Sousa (2014), esta literatura não aborda diretamente os jogos das violências sociais, mas ele entra nesta pesquisa realizada, pois vai tratar de forma bem sutil a questão do conteúdo das lutas e como este é visto pelos olhares dos estudantes dentro da escola. Nos apresentaram um estudo de caso feito com um total de 360 alunos/as da rede estadual de ensino de Goiás, onde os/as estudantes foram abordados/as sobre o seu nível de conhecimento a respeito do termo “lutas”. O texto é bem direto ao expor as análises feitas e apresenta que mesmo “as lutas” sendo um conteúdo da Educação Física é pouco ou quase nada desenvolvido nas aulas de Educação Física e que ele está ligado a coisas ruins na percepção dos/as estudantes. Segundo os autores os/as estudantes associam as lutas quase sempre com violência, agressões físicas, maus tratos, atitudes sexistas onde somente os meninos podem usufruir da prática e mostrar sua virilidade, dentre outras coisas.

Os autores concluem que para muitos/as estudantes o tema é uma novidade no ambiente escolar e que o mesmo era apenas coisa criada para filmes e ações de televisão, percebendo assim a grande influência da mídia sobre e como ela transmite de forma inversa o significado de lutas. Sobre a intervenção feita pelos autores na escola, foi realizada uma pesquisa participante, a escola não possuía estrutura adequada para a prática, mas oferecia um tatame de EVA montado no pátio entre as salas de aulas. Além do tatame, foram utilizados vídeos e textos preparados especificamente para a abordagem do tema. A abordagem desse conteúdo surgiu a partir de diálogos com os estudantes, onde se evidenciou a curiosidade e o interesse destes nas práticas de lutas. Durante os diálogos com as turmas, os pesquisadores viram a necessidade de abordar tal conteúdo juntamente com o tema da violência. As aulas propostas pretendiam oferecer base para que todos os estudantes conhecessem os diversos aspectos relacionados à prática de lutas, como, por exemplo, as suas origens e significados em nossa e em outras culturas, suas técnicas, suas

regras. Os procedimentos de coleta de dados foram realizados por meio da observação sistemática, com adoção do diário de campo e análise documental mediante a utilização de instrumentos de avaliação da disciplina (apresentações de trabalhos, avaliações orais e escritas).

Chega à conclusão que depois das intervenções feitas pela pesquisa os/as estudantes começaram a se aproximar mais do verdadeiro significado do tema das lutas e o que seu real significado transmite, indo além do contato físico, buscando entender seus conceitos sociais e filosóficos.

No T2, Mello e Campos (2018), iniciam seu estudo buscando compreender a violência em si, para depois direcionar seu estudo para o ambiente escolar e focar na Educação Física. Compreende que a matéria em si tem um enorme poder pedagógico e pode contribuir para a melhoria dos relacionamentos interpessoais dos/as estudantes, o/a professor/a de Educação Física. Pode desenvolver uma educação de valores e privilegiar a formação de comportamentos, hábitos e condutas saudáveis de relacionamento e convivência social dos/as alunos/as. A pesquisa teve duração de três meses, seguindo um protocolo de observação correspondente a três períodos do dia a dia na escola, a saber: a entrada, o recreio e a saída. Nestes momentos foram observados diferentes tipos de brincadeira vividos pelas crianças e, por meio de anotações em diário de campo, foram escolhidos aqueles que apresentaram características de brincadeiras de luta. O texto traz como conclusão que para conduzir um trabalho docente capaz de transformar o/a aluno/a, o/a professor/a não pode ser autoritário e nem licenciado e existe a necessidade de se construir limites, por meio de uma postura de autoridade democrática. Para isso, as práticas pedagógicas devem ter uma relação ética permeada de respeito, e o professor de Educação Física precisa atentar-se em promover ambientes saudáveis de interação, que privilegiam a formação de valores morais, afetivos e sociais nos/as alunos/as, e o sentimento de responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa e menos violenta". Assim, o autor certifica que a não interação e inserção em momentos-chaves em suas aulas podem acarretar em ações suscetíveis a violências (físicas, emocionais, psicológicas) e, portanto, a ação ética do/a professor/a também é de extrema importância para o melhor comportamento e diminuição de ações do tipo por parte dos alunos.

O T3, de Albino *et al.* (2008), apresenta uma experiência baseada no estágio obrigatório e buscou compreender as legitimações da Educação Física na escola e, com

isso, analisar as ações de violências nas suas aulas em decorrência de tal. A referida intervenção foi realizada entre os meses de setembro e novembro de 2005, em uma escola pública municipal no bairro da zona urbana da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, em uma turma de terceira série do ensino fundamental, composta por 24 alunos/as (13 meninos e 11 meninas).

Os/as autores buscaram, por meio do estabelecimento de algumas regras suplementares ao futebol que então se realizava, oferecer um pouco de estabilidade às relações interpessoais e ao jogo, de modo que as atitudes violentas diminuíssem de modo efetivo. Assim, a partir da experimentação e de discussões promovidas durante as aulas, pretenderam sensibilizar os/as alunos/as quanto às situações de violência que permeiam as suas relações, sobretudo proporcionar experiências alternativas às costumeiras.

Sobre o tema em geral, é visto que o comportamento na sala de aula também pode ser “moldado” conforme a tirania daqueles/as que alcançam as posições de liderança, e isso se dá com profissionais que trabalham com métodos antigos de ensino. Por sua vez, estes também acabam agindo de acordo com o rótulo dado pelos/as colegas, no caso, de fortes e violentos como resposta a tais ações. Concluem que a Educação Física tem um caminho longo de luta pois ainda é vista como algo que o “saber fazer” está muito internalizada na cultura atual, e o lado pedagógico não é bem visto como se a disciplina.

Farias *et al.* (2019), no T4, tem como objetivo de estudo entender o olhar da criança sobre as "brincadeiras de lutinha" tão comuns nas escolas. A pesquisa visou compreender os conceitos atribuídos às “brincadeiras de lutinha” e foi realizada em uma escola pública de Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), localizada em São Luiz – MA. Foram selecionadas para a pesquisa crianças entre 7 e 13 anos de idade. As crianças foram estimuladas a desenharem suas “brincadeiras de lutinha” favoritas além de terem sido observadas pelos/as autores/as do estudo em diversas situações escolares. Os/as autores afirmam que em muitos momentos obtiveram informações das crianças observando-as brincando no recreio e na saída das aulas por meio do que foram expostos alguns casos explicitados no artigo.

Concluíram que as “brincadeiras de lutinha” fazem parte do repertório das práticas sociais desta faixa etária, que muitos têm conhecimento da "dor" ou "limites" de até onde podem ir, mas também traz à tona o protagonismo dessas crianças frente ao seu espaço de relacionamento. Onde as crianças veem diversão, na versão dos adultos está ligado a violência e agressão. O texto ainda conclui que estas práticas corporais devem ser levadas para contexto escolar com problematizações nos ambientes infantis.

No T7 Moura *et al.* (2019), realizam uma minuciosa pesquisa sobre artigos que falem do ensino das lutas nas aulas de Educação Física, seus aspectos pedagógicos e lançam reflexões sobre estratégias metodológicas para o ensino das lutas. Os artigos encontrados e analisados relacionam seus aspectos pedagógicos e lançam reflexões sobre estratégias e metodologias para o ensino das lutas. O objetivo deste artigo foi analisar o acervo produzido com conteúdo de lutas na Educação Física escolar e durante o mesmo citam alguns artigos onde se relacionam violência e lutas no contexto escolar.

No T8, Santos *et al.* (2020), tem como objetivo compreender as consequências geradas pela violência armada carioca na escola e nas aulas de Educação Física. Os dados foram coletados em uma escola que fica em bairro periférico na cidade do RJ, sendo que a mesma se localiza em meio a circulação do comércio de drogas e ações policiais.

Em vários momentos do texto, os autores demonstram medo nas suas falas, de modo geral todo corpo estudantil vive na base do medo. Relatam que há dias em que a escola não funciona devido esses embates entre a polícia e o tráfico de drogas local. A cena de uma criança baleada na porta de casa é algo constante nas mentes dos pais e mães, que revelam que quem fica no meio desse embate acaba sofrendo as consequências, seja homem, mulher ou criança.

O texto aborda as relações cotidianas vividas pelos/as estudantes em meio a violência. Assim, em dado momento um menino chegou a dizer que o sonho dele era sair daquele lugar um dia. O que vemos nesse texto não é algo isolado, mas acontece em todo o Brasil. A situação chegou a um ponto tão crítico que leis municipais foram regulamentadas a fim de que o estado seja obrigado a pagar todos os custos fúnebres dos/as estudantes vítimas de violência que estiverem a caminho e dentro da instituição de ensino. A pesquisa se deu num viés qualitativo com um encaminhamento etnográfico buscando relacionar e compreender, observar e analisar dados sobre a temática desenvolvida com a pesquisa.

Nesse texto fica evidente como a violência permeia a vida de todos nesta situação: de estudantes que precisam ser acalmados e protegidos pelos/as professores/as que ao mesmo tempo que estão morrendo de medo, precisam manter a calma e controlar a situação. Em um dia de embate, normalmente os pais ou mães aparecem para buscar os/as filhos/as em horas avulsas sem controle. Em relação a isso, uma situação chama a atenção na narrativa do texto: em uma aula de Educação Física, a professora ficou com 12 alunos/as em quadra e isso chega a ser um terço de toda a turma. A professora confessa que ama a escola e os/as alunos/as, mas com essas situações não vê outra opção além de pedir transferência, pois evidencia que têm filhos e quer ver seus netos um dia, seu corpo sofre com esses problemas causando-lhe dores lombares. Neste momento, para a professora, deixou de ser uma “aula livre” pois não tinha como dar continuidade ao

conteúdo da aula.

Existem dois tipos que são as violências que vem de fora da escola que é o caso e também as que são geradas dentro da escola. É assim que vemos como essas violências agem em torno do ambiente escolar, não somente na Educação Física, mas na escola como um todo: professoras que não conseguem ensinar, estudantes que se afundam no medo e inquietação. Os corpos dos/as alunos/as e professores nos espaços abertos de Educação Física estão mais expostos aos riscos de serem vítimas de violência que nas aulas de outras disciplinas. O problema é antigo, conflitos com danos que são incalculáveis aprofundando ainda mais a desigualdade que já existe a séculos, avançando além dos enfrentamentos que a escola pública já carrega desde sua criação.

Vasques e Beltrão (2013), no T10, analisam o esporte MMA e a sua apropriação nas aulas de Educação Física escolar. Primeiramente o texto vai destrinchar e explicar as bases desta modalidade, como surgiu e suas consequências iniciais aos seus primeiros praticantes. Além disso, chamam a atenção para o impacto social negativo que obteve sobre toda uma população, a ponto de precisar ser analisada minuciosamente e passada por uma grande intervenção para que não falisse e sumisse.

O texto mostra a criação de regras e mudanças que foram feitas para sua esportivização e, assim, chegar na modalidade que conhecemos. Para os autores o tema lutas apesar de ser um conteúdo previsto dentro da Educação Física, ainda sofre um enorme preconceito por parte de muitos/as professores/as e estudantes. Além disso, o fato de o termo violência estar sempre associado às lutas os/as autores/as se questionam como utilizar o MMA nas aulas com escolares. Nesse sentido, o autor ?? aborda sobre a importância de ressignificação das lutas nas aulas de Educação Física, por meio de uma metodologia que busque desvincular o MMA de sua imagem violenta.

No T12, Levandoski *et al.* (2011) analisa os dados sobre a violência contra os/as professores/as de Educação Física, mais especificamente no estado do Paraná. O texto evidencia dados da pesquisa na qual é possível perceber que os/as autores/as de vários tipos de violência como comentários maldosos contra sexualidade de colegas e professores/as, agressões físicas, zoações maliciosas são de estudantes que nem a

maioridade civil alcançaram ainda e que 7% professores/as já chegaram a sofrer assédio sexual dentro da escola.

Interessante destacar que 102 professores/as participaram do estudo e que esses atuavam em 14 cidades do estado do Paraná. Foi utilizado um questionário criado pelos/as autores/as para esta análise e foi constatado que 87,3% dos/as professores/as já vivenciaram ou vivem algum episódio referente à atos de violência no ambiente escolar e 73,5% recebem insultos verbais frequentemente. Os/as professores/as da região noroeste do estado, estão mais expostos a situações de agressão pelos/as alunos/as em relação aos/as professores/as da região central. O estudo ainda evidencia que as professoras acabam por pedir mais ajuda para resolver algumas questões e que professores/as que trabalham em apenas uma escola se sentem mais seguros em seu local de trabalho. De forma geral e conclusiva a violência contra os/as docentes nesta relação professor-aluno encontra-se em um nível muito grave.

O T14 de Farias e Wiggers. (2015), analisa os problemas do cotidiano de crianças de 7 a 13 anos com suas práticas corporais no ambiente escolar, a pesquisa foi feita em um bairro periférico da ilha de São Luís do Maranhão. O texto começa com a avaliação histórica da criança, ressaltando que na idade média eram vistas como pequenos e adultos, sendo vistas efetivamente como "crianças" após a revolução industrial. Os/as autores evidenciam que cada criança já traz em si como dito antes, uma bagagem social, suas experiências de vida etc.

Sobre o delineamento da pesquisa, foram produzidos dois temas de desenhos, sendo eles: “Minha brincadeira favorita na escola” e “As brincadeiras de ‘lutinha’ na minha escola”. As produções foram feitas em quatro turmas de 2º ao 5º ano, elencadas após três semanas de pesquisa no campo. O estudo demonstra que o convívio social fora da escola afeta diretamente nos desejos da criança, na sua formação de caráter e no seu comportamento dentro do ambiente escolar em que muitos almejam uma vida relacionada ao crime, bailes e afins.

No T16 de Lopes Kerr (2015), abordam sobre a tematização das lutas, com uma turma do sexto ano do ensino fundamental, de uma escola da rede estadual paulista, localizada na zona norte da cidade de São Paulo. O bairro possui característica residencial e atende uma população com baixas condições socioeconômicas. A maioria dos/as

alunos/as é residente no bairro e em outros vizinhos à escola. O texto vai trabalhar as possibilidades de levar o conteúdo de lutas para escola, buscando compreender como esse conteúdo pode se vincular a ideia de violência e de ações violentas.

Mas, o fato é que este tema de violência tem um meio muito mais complexo passando além da prática de lutas, sendo que a mesma está ligada a sociedade e suas raízes (ações, modos, expressões e etc.). O texto vai seguindo com as ideias de lutas que iniciou há muitos anos, como ela era usada (caça, proteção, embates, proteção, rituais indígenas, artes marciais e muitos outros).

A ideia que o texto passa é de usar formas para ressignificar as lutas na escola, partindo da análise dos aspectos históricos, culturais, sociais, etc. que moldaram sua criação e, posteriormente, compreender os diferentes significados e sentidos para seus praticantes, as principais habilidades envolvidas, etc. Com isso, visa mostrar que a violência e as lutas não estão necessariamente ligadas, se tratada de forma pedagogicamente adequada: problematizando suas regras, suas formas e história.

Em sua pesquisa Lopes e Kerr (2015), separam suas aulas em quadros (Mapeamento, Princípios Condicionais, Classificações da Luta e Revisão) e dentro destes, tópicos e subtópicos com questionamentos sobre as lutas. O fazem no decorrer de todo o bimestre, buscando legitimar os conteúdos de lutas dentro do contexto escolar sem discriminação.

No T17, Reichenbach e Fonseca (2016) buscaram compreender como o professor de Educação Física entende e visualiza a cultura de paz no ambiente escolar. O trabalho se refere como primeiro referencial sobre as perspectivas trazidas pela organização mundial da saúde que diz que a “violência é definida como o uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou um grupo, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”.

O texto nos fala que os atos violentos são formas de diminuição do outro ou de si, manifestando-se sob diferentes roupagens e predominantemente contra grupos minoritários. Ele separa a violência em dois aspectos: a) a violência na escola que é o mesmo que, toda violência que ocorre na escola (ambiente físico) mas que não é produzida por ela, ou seja, sua fonte que é fora dela; b) a violência escolar que é gerada e produzida pela instituição, que é resultado das suas próprias relações sociais, ou seja, professores/as, alunos/as, funcionários/as, pais, mães etc., são, conscientemente ou não, geradores dessa violência.

O estudo de Reichenbach e Fonseca (2016, p. 339) também traz sua visão do que é cultura da paz e chega a conclusão que:

[...] a paz não é um produto pronto, acabado, passível de ser implantada por meio de decretos ou quaisquer formas de determinação estabelecidas através de relações impositivas e verticalizadas. [...] A paz é um processo dinâmico, complexo, partilhado, entrelaçado em redes de relações movidas por uma intencionalidade comum.

Assim, com base nos relatos dos/as professores/as, segundo compreensão dos autores, a violência está ligada a uma inversão de valores, que pode ser feita por uma agressão física, emocional ou psicológica. E sobre a cultura da paz, é entendido que são mudanças individuais, relacionadas à atitude de chamar a responsabilidade para si, disseminando a propagação dos sentimentos que possam causar atos agressivos, violentos e etc. Também tratando da cultura de paz, a partir de uma visão que acredita que, se a cultura da violência se constrói cultural e socialmente, a cultura de paz pode vir a ser construída, a partir de ações.

4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ENTRE TEXTOS E CONTEXTOS

Na análise realizada sobre os textos pesquisados, uma primeira recorrência é que as manifestações de violência em suas diversas formas (agressões verbais, físicas, psicológicas, *bullying*, violências advindas do tráfico e do embate policiais etc.) fazem parte de uma problemática maior da sociedade, mas que afetam sobremaneira a escola e, por consequência, as aulas de Educação Física. Portanto, torna-se muito importante esse campo de intervenção e conhecimento se debruçar sobre essa temática e pensar estratégias para o trato pedagógico deste fenômeno.

Outra evidência importante percebida é de que as violências que se apresentam nas escolas não são unilaterais. Em todas as leituras fica evidenciado que tanto os/as professores/as quanto os/as alunos/as sofrem com as ações de violência que perpassam a escola. Não há que se falar em violência sem entendê-la como um fenômeno relacional.

Adensa-se a isso, o que observam empiricamente Levandoski, Ogg e Cardoso (2011), de que os/as profissionais de Educação Física são vítimas também do sistema político pedagógico, já que a formação carece de preparo para lidar com situações adversas, além de não terem o devido amparo e proteção para conflitos no ambiente escolar. Assim, a instrumentalização e o suporte são importantes para que o/a professor/a tenha base para o exercício de sua profissão, principalmente visando a transformação do ambiente escolar, estimulando novas práticas construtivas de respeito e aprendizagem.

De acordo com Costa, (2012 apud SCHREIBER; SCOPEL; ANDRADE, 2005), a escola tem esse potencial e a disciplina de Educação Física também apresenta uma

bagagem relevante para fortalecer valores, princípios e ferramentas capazes de possibilitar a construção de um espaço sociável. A Educação Física escolar engloba o conhecimento e desenvolvimento de seus alunos/as, não focando somente na capacidade motora, mas também na transformação pessoal, aspecto considerado fundamental para a melhoria do ambiente social.

Esses aspectos são fundamentais e devem ser considerados, não visando somente melhorias em relação ao ambiente escolar, mas também em relação à própria disciplina, que apresenta problemas em muitas escolas, principalmente no que tange às relações pessoais. Costa *et al.* (2012, p.31) apontam a presença de alguns problemas, entre eles ‘[...] atitudes como o desinteresse pela aula, revolta em caso de derrota em jogo competitivo, ou rebeldia e agressividade frente a situações do cotidiano das aulas [...]’.

De acordo com os autores dos trabalhos apresentados ao quadro 1 (REICHENBACH; FONSECA, 2016; FARIAS; WIGGERS, 2015; LEVANDOSKI *et al.*, 2011), nem tudo está ao alcance dos/as professores, afinal são apenas homens e mulheres que mergulharam em realidades que não foram preparados da melhor forma para tal. Além disso, não há um modelo para se atuar conforme a violência percebida. Lidar com o humano em formação é, de fato, estar diante de incertezas pedagógicas cotidianas. Percebemos que é a partir de alguns princípios e conhecimentos sobre a temática que os/as professores/as buscam amenizar as possibilidades e riscos de conflitos nas aulas.

Para esta pesquisa, encontramos inicialmente nas revistas da área da Educação Física um total de dezoito artigos com foco na temática da violência. Logo após a filtragem dos descritores para “violência escolar e da Educação Física” chegamos a onze artigos que foram por nós analisados. Desses onze artigos percebemos que um pouco mais da metade (54,54%) deles (T1, T4, T7, T10, T14 e T16) tratavam da discussão da temática da violência escolar atravessada pelo debate do conteúdo lutas ou das chamadas “brincadeiras de lutinha”. Isso demonstra uma vinculação ainda forte entre o conceito de violência e o conceito de lutas como uma prática corporal e conteúdo das aulas de Educação Física. É como se as lutas fossem a principal porta de entrada para o debate da

violência na escola. Isso pode ter relação com a ideia bastante presente na sociedade que as lutas estimulam a violência, como afirma Moura *et al.* (2019) no T7.

Desses dezoito trabalhos analisados, dois artigos vão tratar de desenvolver a violência contra o/a professor/a no ambiente escolar e nas aulas de Educação Física e as consequências disso em suas vidas. Muitos acabam por adquirir exaustão mental e física, medos, traumas, experiências ruins, enfim, os textos nos mostram essa vulnerabilidade relacional de professor/a e aluno/a.

Entende-se que existe a necessidade de um processo de construção coletivo ao grupo, de forma a criar maior consciência entre os participantes das aulas, que devem compreender que o individualismo foge à essência das práticas de construção de aprendizagem, dentro do âmbito escolar e fora dele. Costa *et al.* (2012) ressalta nesse sentido a importância que o caráter social e cultural que a Educação Física deve exercer sobre os/as alunos/as, de forma a transformar a realidade social dos/as educandos/as. Mas também temos que compreender que certas coisas, certos limites estão fora do alcance da Educação Física, podendo ser um peso muito grande para ser colocado na conta da Educação Física. As violências têm caráter endêmico, estão enraizadas e são consequências, muitas vezes, da ausência do estado.

De forma complementar ao entendimento da ação dos/as professores/as de Educação Física, devem ser orientadas por uma abordagem de natureza holística, caracterizando-se por uma abordagem preventiva e pedagógica (SCHREIBER; SCOPEL; ANDRADE, 2005). No cerne dessa compreensão, destaca-se também sobre a relevância das aulas de Educação Física enquanto estratégicas para a construção de um ambiente de possibilidades concretas para os estudantes, de forma que ele possa aprender e conviver com as diferenças existentes (FILHO; SCHWARTZ, 2006).

Pode-se entender essa perspectiva como sendo de inclusão, tendo em vista ser primordial que todos sejam envolvidos nas possibilidades de aprendizagem. A exclusão é um fator que está inserido em um contexto de escola violenta, e isso não abrange somente práticas dos estudantes entre si, mas também de professores/as para com os alunos/as.

Desse modo, é necessária uma maior reflexão por parte dos/as profissionais da educação, em especial dos/as professores/as de Educação Física que lidam com desafios que são bastante peculiares, por exemplo, conteúdos de lutas em sua grade de ensino. Pois, certos limites quando alcançados podem causar exaustão, cansaço mental e físico, e o mesmo vale para os/as profissionais de Educação Física, que estão dentro dos ambientes escolares, essas reflexões podem não acabar ou instituir uma onda de paz, até porque não há fórmula pronta pra isso, mas é uma porta de entrada onde o professor pode começar a

trabalhar essas questões com seus estudantes. Como dito, de todos os dezoito artigos anexados ao quadro 1, quatro artigos vão falar sobre o ensino, prática e relação com a violência e as lutas e dois irão falar das brincadeiras de lutinha infantil e como as crianças observam essas brincadeiras, seus limites e ações. Todos os quatro textos, nos mostram uma possibilidade para que a Educação Física utilize dessa "violência simbólica", tire proveito disso para desenvolvimento pessoal de cada estudante.

Os/as professores/as podem ter algumas condições, mais do que outros profissionais, de buscar mudanças radicais na libertação de uma sociedade, mas sozinho se torna um peso que causa uma sobrecarga gigante, certas questões devem e precisam ser consideradas em ações conjuntas. Por meio de propostas e condições, os/as alunos/as podem se tornar independentes, participativos/as e com autonomia responsável para pensarem e agirem de forma construtiva e respeitável em relação aos contextos onde estão inseridos. Nesse sentido, além de buscas por rompimentos de práticas negativas no ambiente escolar, é importante pensar formas de agir contra elas.

No início deste trabalho a uns dois anos atrás, quando essa pesquisa foi iniciada com a frase "como tratar a violência?" Foram encontradas respostas genéricas do tipo "estabelecer normas de convivência que incentivem o respeito entre as pessoas; a importância de assumir uma postura de diálogo e falar a língua dos estudantes". Mas quando se vai afinando sua base de pesquisa e analisando os textos é possível enxergar a complexidade que a palavra "violência" carrega.

Os textos que foram analisados para este trabalho possuem muitas similaridades entre si e outros nem tanto, envolvendo escolas, torcidas e etc. Mas a base é a mesma para todos, sendo a violência como foco central. Seja ela no meio dos conteúdos das aulas de Educação Física, contexto familiar, socioeconômico. Todos têm o mesmo objetivo, buscar compreender como este fenômeno se "propaga/funciona" e assim trabalhar contrapartidas pedagógicas eficazes. Não existe uma resposta concreta, o que posso compreender com os artigos é que a melhor maneira de meio de ação é sempre a compreensão, empatia, compaixão, força de vontade e, fundamentalmente, o respeito a vida do outro.

Existem críticas em relação às formas como se busca combater essas práticas, especificamente as de violência. Conforme Guimarães *apud* Silva (2008):

[...] sendo as aulas de Educação Física um espaço de conflito, muitas das intervenções do professor, ao invés de gerarem uma prática educativa, geram mecanismos de repressão e violência simbólica. Assim, compreende-se que no período das aulas de Educação Física, deve-se desenvolver ações que proporcione um ambiente harmônico onde os alunos e professores possam transformar os conflitos em situações pedagógicas que possam gerar conhecimento (p. 73).

Nesse processo, o diálogo parece ser um meio importante para a resolução de conflitos e problemas, mas um diálogo construído pedagogicamente, que busque estimular no/a estudante reflexões em relação às suas atitudes perante o grupo. Entendemos ser importante explorar as possibilidades da Educação Física, associando ao bom diálogo entre professores e estudantes, que é fundamental para a construção de vínculos respeitosos entre as partes.

Como aborda Piccolo (1995):

[...] a Educação Física escolar deve objetivar o desenvolvimento global de cada aluno, procurando formá-lo como indivíduo participante; deve visar à integração desse aluno como ser independente, criativo e capaz, uma pessoa verdadeiramente crítica e consciente, adequada à sociedade em que vive; mas esse objetivo deve ser atingido através de um trabalho também consciente do educador, que precisa ter uma visão aberta às mudanças necessárias do processo educacional (p.12).

Ambientes de divergências, represálias, punições e críticas podem agravar os conflitos na escola impossibilitando a construção de pontes para diálogos. Para Dias (1996), a Educação Física tem valor em si mesma e faz parte de uma prática coletiva que pode facilitar as mudanças de atitude e/ou comportamentos. Ainda de acordo com a autora:

[...] além da prática, o indivíduo passa a ter uma consciência corporal que vai lhe proporcionar, através da socialização, intercalada de momentos de reflexão, o sentido da unidade do corpo. Deste modo, o conhecimento do corpo, aliado a uma experiência multissensorial e psicomotora, produz aspectos de valia em relação ao indivíduo e à conduta, enriquecendo, ao mesmo tempo, o seu comportamento social (p. 27).

Esse entendimento pressupõe que práticas corporais bem orientadas nas aulas de Educação Física, podem proporcionar reflexões importantes para todos os estudantes envolvidos no processo. Entretanto, reforça-se a ideia de que devem ser pedagogicamente orientadas e didaticamente abordadas para com os estudantes, evidenciando para os mesmos os objetivos e os valores que estão introduzidos. Os recursos disponíveis para o professor existem, e podem incentivar mudanças de atitudes, fomentando maior interação social entre os alunos.

Isso se dá pelo fato de lidar com o corpo em movimento, que segundo Lima (2010, p.5) vai ao encontro das expectativas e necessidades biopsíquicas e sociais de todas as faixas etárias e pela riqueza de exploração do universo lúdico, que é capaz de estimular

mudanças de dentro e fora do contexto escolar. As repercussões dos estímulos fornecidos durante as práticas envolvendo estudantes, são muitas.

De acordo com Bracht (1992)

Devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento (p.66).

Mediante essa colocação, faz-se importante também ponderar que essas demais dimensões do indivíduo atingidas pela prática, devem ser consideradas no planejamento pedagógico e nas abordagens dos professores. Ao considerar que as práticas podem proporcionar experiências positivas ou negativas, o/a professor/a deve estar atento à forma como as aulas estão sendo conduzidas e de que forma os estudantes estão participando.

Diante dessas colocações, entende-se que é um lugar/espço no qual o/a professor/a pode criar ações que incluam e com uma cultura de paz. Podendo construir um espaço melhor para a aprendizagem, e isso vai envolver o estabelecimento de diálogo e estratégias que visam estimular maior cooperação entre os/as estudantes, explorando atividades adequadas para o contexto, que agreguem ao grupo valores e princípios fundamentados no respeito ao indivíduo. Assim, entende-se que em relação ao enfrentamento à violência na escola, é possível proporcionar inúmeras contribuições ao espaço educacional.

A disciplina de Educação Física pode abordar por meio dos conteúdos diversos temas que remetem e valorizam a cultura corporal de movimento, possibilitando ao mesmo tempo a transversalidade com temas propostos no sentido de construir valores morais e éticos dentro das regras que delimitam para a boa convivência humana no meio social e educacional (SILVA, 2008).

Ainda nessa concepção, a disciplina é um instrumento importante de transformação social, que somando-se a outros pode potencializar ainda mais as possibilidades de transformação. Isso é reforçado por Darido (2005), que compreende que o acesso à Educação Física deve ser um direito e também um instrumento de transformação individual e coletiva, capaz de buscar superação das desigualdades sociais, conscientizar para o exercício da justiça e da liberdade e estimular a construção de condições para a cooperação e solidariedade.

É uma forma de romper com questões adversas do meio externo que são reproduzidos dentro da escola, principalmente em relação às práticas de violência, sejam elas verbais, físicas ou patrimoniais. Acredita-se que o papel da escola não deve ser restringido ou ficar a parte do problema, já que é uma realidade e assim sendo, devem

haver intervenções pedagógicas e orientadas.

A sensibilidade do/a professor/a de Educação Física nesse processo é importante, pois compreende o olhar mais apurado e preparado para as necessidades da escola e dos grupos. Nesse sentido, o/a professor/a bem preparado conhece os alunos/as e faz as devidas adaptações do ensino às suas necessidades, buscando também incorporar as experiências dos estudantes ao conteúdo, incentivando assim suas participações (MAGALHÃES; ARANTES, 2009).

Essa concepção de Educação Física se aproxima da educação crítica escolar, que propõe um modelo de superação das questões sociais, das injustiças e da desigualdade, questões essas que estão diretamente inseridas nas discussões sobre violência, principalmente o tipo que ocorre em ambiente educacional (COSTA *et al.*, 2012).

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) que trata especificamente da Educação Física, aborda sobre a importância do/a professor/a interagir em suas aulas, utilizando abordagens sociais, econômicas e políticas, que levem à superação das desigualdades sociais (BRASIL, 1998). Essa possibilidade confere à Educação Física as ferramentas e a liberdade necessária para trabalhar de forma interdisciplinar, adentrando em temas de fundamental relevância para o país (BETTI, 1997), inclusive a questão da violência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um problema latente em diferentes países, principalmente naqueles com um índice muito extremo de desigualdades sociais, como o Brasil. Diante disso, múltiplos têm sido os desafios que perpassam pela redução dos índices elevados de violência, que se manifestam de diferentes formas e em diferentes espaços/lugares, como no ambiente escolar. Especificamente neste contexto, a violência tem apresentado desdobramentos preocupantes, manifestando-se de forma verbal, física, emocional e patrimonial.

Isso tem gerado problemas para o ambiente escolar, dificultando a aprendizagem dos/as alunos/as e também o trabalho dos/as docentes, que se deparam com múltiplas barreiras para exercerem a profissão no melhor nível possível. Diante das reflexões trazidas pelos textos pesquisados, entende-se que este é um problema que, para ser

superado, demanda esforços coletivos, que abrangem não só atitudes da escola, mas também de toda a sociedade, especificamente da família.

Ademais, os estudos analisados por esta revisão de literatura, compreendem que esta deve buscar pontes para o diálogo com as famílias e alunos/as, além de estratégias que possibilitem a construção de um espaço mais saudável e propício para o desenvolvimento de relações sociais respeitadas. Nesse contexto, é necessário o esforço das diferentes disciplinas que compõem o currículo da escola, incluindo a Educação Física, que se depara com desafios constantes e apresenta também múltiplas possibilidades para mitigar e/ou solucionar os problemas de violência na escola.

Os/as professores/as de Educação Física têm à disposição uma série de atividades e recursos dos quais podem explorar e abordar junto aos/as alunos/as. Como apresentado por diversos/as autores/as, a cooperação e a coletividade presente nas diversas atividades são investimentos importantes para iniciar uma cultura de aprendizado diferente na escola e nas aulas, buscando sempre estar atento aos estímulos que são enviados para os/as estudantes.

Demonstrando uma forte vinculação sobre o conceito de violência e o conceito de lutas como uma prática corporal e conteúdo das aulas de Educação Física. Teorizando que as lutas possam ser a principal porta de entrada para o debate da violência na escola. Tendo em vista a falsa ideia bastante presente na sociedade que as lutas estimulam a violência, como afirma Moura *et al.* (2019) no T7.

É importante que possam ajudar uns/umas aos/as outros/as, que possam respeitar as diferentes capacidades e habilidades e também que possam construir juntos as aulas, de forma a possibilitar maior consciência coletiva, autonomia responsável e aprendizagem. Além disso, há o objetivo maior de incluir a todos e todas e construir diálogos, de forma a superar métodos punitivos que parecem dificultar as possibilidades de maior aproximação entre escola e aluno/a.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Unaid, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime Crubellier, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Edições Flacso Brasil, Rio de Janeiro, p. 1-82, 2012. Disponível em:

http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/conversando_sobre_violencia.pdf.

Acess

o em: 18 mar. 2021.

ASSIS, S. G de A; MARRIEL, N de S. M. **Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola.** In: Assis, Simone Gonçalves de (org.) Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

BETTI, M. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e Educação Física.** Campinas: Papirus, 1997.

BARONE, I. **Indisciplina em escolas faz Brasil ser “lanterna” na educação.** Gazeta do Povo, 2019. Disponível em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/indisciplina-nas-escolas-faz-brasil-ser-lanterna-na-educacao/>> Acesso em: 20 de julho de 2020.

BEANE, A. L. **Proteja seu filho do bullying.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

BLAYA ALMEIDA, M. G. **Alguém para odiar.** In: Maria da Graça Blaya Almeida (Org). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação da pessoa cidadã: alguns dilemas, alguns caminhos. In: _____. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-121.

BRITO, L. M. T. (Org.) **Temas de Psicologia Jurídica.** Rio de Janeiro: Dumara, 1999.

CARVALHO, C. M. C. **Violência infanto-juvenil, uma triste herança.** In: Maria da Graça Blaya Almeida (Org). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos et al. **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein.** Scielo - Scientific Electronic Library Online, São Paulo, n. 17, p. 1-19, 2013. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v17n17/v17n17a07.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021

COSTA, T. P et al. **A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno bullying no âmbito escolar.** Persp. Online: biol. & saúde, Campos dos Goytacazes, v. 4, nº 2, p. 28-40, 2012.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIAS, K. P. **Educação Física X Violência**. Editora Sprint, 1996. 112 p.

DUNDER, K. **Pesquisa aponta que a violência preocupa professores e alunos**. Notícias R7, 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/pesquisa-aponta-que-a-violencia-preocupa-professores-e-alunos-18122019>>. Acesso em: 22 de julho de 2020.

FERREIRA, Eliza Bartolozzi, VENTORIM, Silvana; CÔCO, Valdete. O trabalhador docente no Espírito Santo: aproximações gerais sobre o perfil e suas condições de trabalho. In: FERREIRA, Eliza Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga (Org.). *O trabalho docente na educação básica no Espírito Santo*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1966.

FILHO, S. C; SCHWARTZ, G. M. **Jogos cooperativos e condutas violentas: visão do Professor de Educação Física**. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - Nº 96 - Maio de 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **La represión**. In: Obras completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

GROGGER, J. **Local violence and educational attainment**. Journal of Human Resources, v. 32, nº 4, p. 659–682. Wisconsin, 1997.

KAMINSKI, M. G. A; EL TASA, K. O. M. **A prática pedagógica do professor de Educação Física e a violência no contexto escolar**. 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2514-6.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2020.

LEVANDOSKI, G; OGG, F; CARDOSO, F. L. **Violência contra professores de Educação Física no ensino público do Estado do Paraná**. Motriz, Rio Claro, v.17 n.3, p.374-383, jul./set. 2011.

LIMA, P. G. **Formação de professores: por uma resignificação do trabalho pedagógico na escola**. Paulo Gomes Lima – Editora EDUFGD, 2010.

LOBATO, Vivian da Silva. **A INDISCIPLINA E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: EMBATE ENTRE AS SUBJETIVIDADES PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR**. Educere, Curitiba, p. 1-11, 2013.

MAGALHÃES, E; ARANTES, A C. **A competência profissional e o professor de Educação Física**. EFdePortes Revista Digital, Buenos Aires, ano 13, nº 128 , Janeiro, 2009.

MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de Violência**. Caxias do Sul, Rs: EducS – Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2016. 176 p. Disponível em:

https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 16 fev. 2021.

OLIVEIRA, Á. M. **O que é indisciplina?** *Nova Escola*. São Paulo, Ano XXIV, nº226, 79-89, out. 2009.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educativa, crise da escola e a promoção de justiça social. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. cap. 11, p. 253- 270.

OLIVEIRA, V. R.; FERREIRA, D. **Violência e desempenho dos alunos nas escolas brasileiras: uma análise a partir do saeb 2011**. Anpec, 2013. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/sul/2013/submissao/files_I/i8-20d1376c705795243076d93e9dce6cfe.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020.

PICCOLO, V. L. N. **Educação Física escolar: ser...ou não ter?** 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

QUEIROZ, P. P. **A violência e a indisciplina enquanto transgressões que excluem o aluno do cotidiano escolar**. *RevistAleph*, ano XIV, número 28. Julho 2017.

REGO, T. C. R. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, J.G. (org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas* 11 ed. São Paulo: Summus, 1996.

REICHENBACH, José Paulo; FONSECA, Denise Grosso da. **A cultura de paz na percepção dos professores de Educação Física de uma escola da rede estadual de ensino do Rio Grande Do Sul**. *Motrivivência*, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 48, p. 1-16, 2016.
Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p331/32542>. Acesso em: 18 mar. 2021.

RISTUM, M. **Violência na Escola, da Escola e contra a Escola**. In: Assis, Simone Gonçalves de (org.) *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

SEVERNINI, E. **A relação entre violência nas escolas e proficiência dos alunos**. Mestrado em economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007..

SILVA, M. R. R. **Educação Física e o Fenômeno da Violência na Escola**. Salvador, Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade Social da Bahia – FSBA, 2008.

SILVA, Erineusa M. da. **Os movimentos das professoras da Educação Básica do Espírito Santo em face às políticas de gênero para a educação**. 2017, 235 f. Tese

(Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2017.

SOUZA, L. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista.** Agência Brasil de Notícias, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contraprofessores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>> Acesso em: 24 de julho de 2020.

SZADKOSKI, C. M. A. **Violência nas escolas: Causas e consequências.** In: Maria da Graça Blaya Almeida (Org). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

TEIXEIRA, E. C; KASSOUF, A. L. **Impacto da violência nas escolas paulistas sobre o desempenho acadêmico dos alunos.** Economia Aplicada, v. 19, n. 2, pp. 221-240, 2015.